

# Política, poder e instrução: a educação feminina no método Lancasteriano (uma análise da lei 15 de outubro de 1827, à luz do ensino mútuo)

Dirce Nazaré Andrade Ferreira\*

Cleonara Maria Schwartz\*\*

## Resumo:

O presente artigo é resultado de uma pesquisa que trata do Método Lancasteriano aplicado na Inglaterra do século XIX e inscrito na legislação educacional brasileira em 1827, trazendo as escolas para meninas. Foram pesquisados o Método Lancasteriano aplicado em Londres nas escolas femininas e as estratégias políticas contidas na Legislação brasileira, analisando-se as diferenciações das duas sociedades. Na pesquisa, foram abordadas algumas categorias peculiares do Brasil e da Inglaterra, tais como: o momento político, o *locus* socioeconômico, o incentivo à escolarização feminina e a diferenciação de gênero, contidas no currículo escolar, na exigência de docentes femininas e na ocupação sociopolítica de homens e mulheres. Para construir a pesquisa, foi utilizado o método indiciário.

## Palavras-chave:

*método Lancasteriano; ensino; gênero; política.*

---

\* Doutoranda em História pela UFES, mestre em educação pela UFAM, mestre em direito pela FDV. Professora da UFES, departamento de Administração. Coordena os grupos de pesquisa 'Estado e Políticas públicas'.

\*\* Doutora com Pós-Doutorado em educação pela USP. Professora da UFES, doutorado em história e doutorado em educação. Coordenadora do Mestrado em Educação. Coordena grupos de pesquisa em História da Educação no Espírito Santo, ensino e leitura.

# Politics, power and instruction: female education and the lancasterian method (an analysis of law 15 from october 1827 and mutual education)

Dirce Nazaré Andrade Ferreira

Cleonara Maria Schwartz

## **Abstract:**

This article was the result of a study on the Lancasterian Method as applied in nineteenth-century England and included into Brazilian education legislation in 1827, bringing schools to girls in Brazil. Research included the Lancasterian Method as applied at girls' schools in London and public policy found in the Brazilian legislation, analyzing the differences between the two societies. The study approached some categories peculiar to Brazil and England, such as: the political moment, socioeconomic *locus*, encouragement of female enrollment, as well as gender differentiation in: the school curriculum, requirement of female teachers, and socio-political occupations of men and women. The research was built using the inductive method.

## **Keywords:**

*Lancasterian; method; education; gender; politics.*

# Política, poder e instrucción: la educación femenina en el método lancasteriano (un análisis de la ley 15 de octubre de 1827, a la luz de la enseñanza mutua)

Dirce Nazaré Andrade Ferreira

Cleonara Maria Schwartz

## Resumen:

El presente artículo fue resultado de una investigación que trata del Método Lancasteriano aplicado en la Inglaterra del siglo XIX e inscripto en la legislación educacional brasileña en 1827, trayendo las escuelas para niñas. Fueron investigados el Método Lancasteriano aplicado en Londres en las escuelas femeninas, y las estrategias políticas contenidas en la Legislación brasileña analizándose las diferenciaciones de las dos sociedades. En la investigación fueron abordadas algunas categorías peculiares de Brasil y de Inglaterra tales como: el momento político, la posición socioeconómica, el incentivo a la escolarización femenina y la diferenciación de género, contenidas: en el currículo escolar, en la exigencia de docentes femeninas y en la ocupación sociopolítica de hombres y mujeres. Para construir la investigación fue utilizado el método indiciario.

## Palabras clave:

*Lancasteriano; método; enseñanza; género; política.*

## Introdução

O Método Lancasteriano foi criado por Joseph Lancaster na Inglaterra em 1798 para prover escolarização às camadas mais simples da sociedade e recebeu o título de ‘educação das massas’ (GIOLO, 1999), ‘educação das classes inferiores’ (LINS, 1999), ou educação dos pobres (SAVIANI, 2005). Essas denominações indicam a tradução literal da denominação<sup>1</sup> *poors children’s educations*, atribuída por Lancaster cujo trabalho consistiu em ensinar grande quantidade de alunos por meio de estratégias diferenciadas, algumas descritas neste artigo.

Os livros *Improvements in Education* (1803) e *The British System of Education* (1812), escritos por Lancaster, são importantes fontes primárias da história da educação, pois descrevem o Método Lancasteriano do século XIX aplicado na Europa, América do Norte e América do Sul, sendo adotado no Brasil como o primeiro método formal de ensino, pela Lei Januário da Cunha Barbosa de 15 de outubro de 1827.

Nesta pesquisa, estudamos a educação lancasteriana feminina para demonstrar como o Método foi diferentemente apropriado na sociedade brasileira no limiar do século XIX, produzindo ações dessemelhantes àquelas preconizadas em Londres. Dessa forma, foram analisadas algumas estratégias de ensino descritas por Lancaster em suas obras, e comparadas à Lei Januário. A metodologia utilizada foi um estudo indiciário entre as duas fontes, de maneira que foram analisadas algumas categorias peculiares do Brasil, tais como: o momento político, o *locus* socioeconômico, o incentivo à escolarização feminina e a diferenciação de gênero, contidas no currículo escolar, na exigência de docentes femininas e na ocupação sociopolítica de homens e mulheres.

## O Método Lancasteriano

A Inglaterra, no final do século XVIII, se apresentava como um amálgama entre sociedade moderna e campesinato, eis que, em plena revolução industrial e com perspectivas de desenvolvimento econômico, ainda se mostrava como sociedade das oralidades, com pouca ou quase nenhuma alfabetização. Mergulhada no século antropocentrista com diretrizes ampliativas das ciências, a Inglaterra ainda mostrava atroz antagonismo, já que a educação não tocava a todos os cidadãos de forma equânime. Daí que a taxa de analfabetos ainda se apresentava consideravelmente alta, principalmente nas classes menos favorecidas.

---

<sup>1</sup> O Método Lancasteriano também é conhecido como Método monitorial, Método mútuo, Ensino Lancasteriano, Ensino Mútuo, Ensino recursivo, Método recursivo.

Ocorre que a sociedade das oralidades foi desafiada pela revolução industrial, uma vez que necessitava de trabalhadores que tivessem letramento para se inserir nos novos postos de trabalho. Portanto, a manufatura fabril demandava pessoas que dominassem, além da leitura, as noções aritméticas, sendo que foi, na verdade, o impulso industrial do mercado de trabalho que intensificou a necessidade da educação londrina. Ressalte-se que a escolarização, antes focada nos colégios clericais, atendia, principalmente, alunos do sexo masculino, provenientes de famílias com poder aquisitivo considerável. Aos alunos era ensinado essencialmente a *ratio studiorum* ou a doutrina voltada às orientações religiosas, formação diferente daquela que a revolução industrial passou a demandar no final do século XVIII.

O Método Lancasteriano, embora não rompesse com o ensino religioso, alinhou-se à necessidade protoindustrial da Inglaterra no limiar do século XIX. Com base no Método Masdras<sup>2</sup>, Joseph Lancaster, um pastor *quacker*<sup>3</sup>, criou uma nova metodologia de ensino que consistia, principalmente, em atender a comunidade de baixa renda, através de uma metodologia para ensinar a ler e a escrever. O ponto focal de atratividade do Método Lancasteriano foi a velocidade com que se alfabetizavam centenas de alunos, despendendo pequenos custos financeiros.

Registre-se que a educação londrina não era mantida pelo Estado. Assim, desde logo, Lancaster inicia a Escola, obtendo subsídios da comunidade, dos políticos e das autoridades mantenedoras, como forma de estender a educação às classes menos favorecidas, a preços acessíveis. Sobre o fator custo e a inclusão de órfãos, desabrigados e mendigos, o próprio autor destaca os benefícios da “[...] escola módica, [...] de preço baixo com algumas contas de seus fundos [direcionados] à instrução de crianças pobres”<sup>4</sup> (LANCASTER, 1807, p. B, tradução nossa).

Aproximadamente em 1798, Lancaster inicia a escola denominada *Royal Free School* em *Borough Road*, um bairro periférico de Londres. A proposta de Lancaster ganhou adesão na sociedade, e logo outras unidades escolares surgiram, em vários bairros: “[...] uma escola em Clewer, próximo de Windsor,

---

<sup>2</sup> Método de ensino indiano que foi iniciado em 1789 pela Companhia das Índias Ocidentais para ensinar os filhos de soldados militares de baixa patente. O Método consistia em implantar alfabetização rápida a um número maior de estudantes, utilizando um aluno mais adiantado da classe como monitor.

<sup>3</sup> Os *quackers* são um grupo religioso formado em 1640 por George Fox, dissidente da Igreja Anglicana ou *Church of England*.

<sup>4</sup> No original: “[...] *free school* [...] *low price* [...] *and some accounts of its funds for the instruction of poor children*”.

outra [escola] em Canterbury e [outra] em Denver”<sup>5</sup> (SALMON, 1904, p. 9, tradução nossa).

Em tempos de dificuldades financeiras e vivenciando a baixa adesão do Estado em financiar a educação, Lancaster relata intensas agruras, mas também seu “[...] incessante empenho para promover a introdução do sistema [...] e [continuar] perseverante sob uma carga de trabalho, oposição e perseguição, que tem tornado a obra mais árdua”<sup>6</sup> (LANCASTER, 1812, p. 1, tradução nossa).

As estratégias descritas por Joseph Lancaster para manutenção financeira das escolas demonstram a inclusão de métodos considerados alternativos à época, uma vez que esses atos focalizavam tanto a diminuição de custos quanto a aceleração do ensino para ampliar o número de alunos na escola e, por conseguinte, de pessoas alfabetizadas na sociedade.

Lancaster deixou um legado sobre a forma de ensinar que representava, já no século XIX, a padronização das salas de aula e dos móveis utilizados durante o processo pedagógico, equiparado ao processo fabril da sociedade londrina. No capítulo II do livro *The British System of Education*, Lancaster descreve o que chamou de “[...] invenções e melhoramentos em educação”<sup>7</sup> (LANCASTER, 1812, p. 1, tradução nossa), apresentando o maquinário e as estratégias pedagógicas, todas elas voltadas para a equação menor tempo e resultado eficiente. A obra de Lancaster envolve curiosidade por ser complexa para a época, bastante revolucionária quando se imagina a centúria do oitocentos. Neste trabalho, serão demonstrados somente alguns dos principais aparatos criados pelo Método Lancasteriano com a convicção de que são importantes, mas não os únicos. Passamos a citar algumas estratégias do Método Lancasteriano, detalhadas pelo próprio autor em sua obra *The British System of Education*.

De cunho fortemente racional, a educação lancasteriana previa a formalização do método, descrevendo, logo de início, as instalações da escola, as quais compreendiam, inclusive, a forma padronizada da sala de aula, que, para ele, deveria ser “[...] em forma de quadrado, ou de paralelograma. Todas as carteiras deveriam estar enfileiradas, de frente para o professor, para que o

---

<sup>5</sup> No original: “[...] *opened a school at Clewer, near Windsor, other school at Canterbury, and at Denver*”.

<sup>6</sup> No original: “[...] *incessant engagements to promote the practical introduction of this system [...] while persevrig under a load of labor, opposition and persecution, which has rendered his work most arduous*”.

<sup>7</sup> No original: “[...] *Inventions and Improvements in education*”.

mestre tivesse uma boa visualização de cada aluno. As carteiras deveriam ser individuais”<sup>8</sup> (LANCASTER, 1812, p. 2).

Ao prosseguir a análise, destaca que a sala de aula não deveria ter colunas em seu interior, tampouco barreiras físicas que pudessem obstaculizar a visão do mestre. Como se pode observar, a arquitetura da sala de aula pensada por Lancaster no início do século XIX permanece até hoje. Como herança da educação influenciada pelo modelo militar prussiano, Lancaster também idealizou a relação pedagógica verticalizada entre alunos e professor, sacralizando a hierarquia e preconizando adequada coordenação pelo mestre.

Ao mestre caberia ocupar um posto central de vigília na sala de aula, sendo que a mesa do professor pensada por Lancaster deveria estar posicionada em um espaço estratégico:

[...] na frente da sala de aula haveria uma plataforma elevada [onde estaria fixada] a mesa do professor, o local é adequado para inspecionar a sala de aula. Essa arrumação [de carteiras de alunos e mesa do professor] não só promove organização como facilita ao professor detectar comportamentos inadequados<sup>9</sup> (LANCASTER, 1812, p. 2, tradução nossa).

Convém reiterar a forma hierárquica tanto na relação pedagógica dos alunos com o professor quanto na arrumação da sala de aula lancasteriana, pois cada fileira de carteiras representava uma série diferente, da primeira à oitava; assim, uma sala de aula poderia abrigar várias classes ou séries heterogêneas de alunos, conforme o espaço que ocupasse. Para formação das séries, Lancaster criou regras e exames de nivelamento, de acordo com o grau de conhecimento dos alunos, de maneira que “[...] cada classe tem seu apropriado conjunto de tarefas [lições]. A atenção [dos alunos] é simplesmente dirigida àquele objeto [a lição], e um aluno não pode ser submetido a ser colocado junto à outra série”<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> No original: “[...] *the best form for a school-room is a long square or parallelogram. All the desk should front the head of the school, that the master may have a good vision of each boy at once; the desk should all be single desk, and every boy sit with his face toward the head of the school*”.

<sup>9</sup> No original: “[...] *at the head of the school there should be an elevated platform for the master’s desk as a convenient place to overlook the school [...] this arrangement not only conduce to order, but give facility to the master in the detection of offenders*”.

<sup>10</sup> No original: “[...] *each class has its appropriate set of lessons. Its attention is simply directed to one object, and boys in one class are not to be suffered to mix or sit with the boys in another*”.

[que não seja aquela a que ele participa] (LANCASTER, 1812, p. 6, tradução nossa).

O ensino preconizado por Lancaster atendia, principalmente, crianças da escola elementar, ou escola de primeiras letras, sendo que o ensino mútuo já previa interdisciplinaridade à época. Exemplo disso é que as aulas de leitura e escrita (diferentes da maneira usual fragmentada de ensinar uma e outra) poderiam ser desenvolvidas de forma paralela, utilizando-se estratégias de outros campos de ensino: escrita e leitura de matemática, da bíblia e temas sobre moralidade, por exemplo. Assim, destaca Lancaster que “[...] no novo método soletrar e escrever são [atividades] conectadas e igualmente combinadas com leitura, ditado, e aritmética, [pois todos] são [conteúdos] auxiliares uns dos outros”<sup>11</sup> (LANCASTER, 1812, p. 9, tradução nossa).

Como se percebe, o Método Lancasteriano foi complexo e, embora demonstre alguns dissabores, não há como negligenciar sua engenhosidade, principalmente no tocante aos materiais pedagógicos. No século XIX, o papel era material escasso e de preço muito elevado. Para substituí-lo, Lancaster criou muitos artefatos curiosos para alfabetizar. Na classe de leitura, destacava-se um móvel chamado ‘carteiras de areia’, que consistia em

[...] um banco [de madeira] para as crianças sentarem, fixado no solo; outro [banco], um pouco mais alto [à frente do aluno e no local de escrever] tem um espaço vazio que deve ser preenchido com areia branca, seca, para as crianças riscarem as letras [na areia] com os dedos<sup>12</sup> (LANCASTER, 1812, p. 11, tradução nossa).

Quando o aluno conseguia escrever as letras nas carteiras de areia, progredia para a série seguinte na mesma sala, mas usava novos materiais didáticos peculiares. Um deles consistia em escrever nas tábuas de ardósia, outro instrumento criativo da lavra lancasteriana. Tratava-se de um aparato pedagógico individual, semelhante aos cadernos de hoje, com a diferenciação de que era confeccionado em pedra. As tábuas de ardósia eram, na verdade, pequenas lousas, acopladas em um sulco esculpido na carteira dos alunos, para treinar a escrita.

O uso das ardósias representava uma fase intermediária entre as carteiras de areia e a fase seguinte da escrita no papel. Escrever em delicadas folhas de papel

<sup>11</sup> No original: “[...] *on the new plan, spelling and writting are connected, and equally blended with reading, which, with writing and arithmetic, are auxiliaries to each other*”.

<sup>12</sup> No original: “[...] *a bench for the boys to sit on, is fixed on the floor; another, about a foot higher, is placed for them to print on. The sand is placed [...] the boys print in the sand with theirs fingers*”.



significava desenvolver a sintonia fina da caligrafia. A letra bem desenhada representava um aluno em estágio avançado de alfabetização, acompanhado por monitores.

Os monitores lancasterianos eram uma categoria pedagógica peculiar do método, pois eram alunos mais adiantados no conteúdo pedagógico que ensinavam outros alunos. Como ensina Pires de Almeida (1989), os monitores significavam verdadeiros auxiliares do único professor em sala de aula, advindo daí a denominação ‘ensino mútuo’ como técnica recursiva de ensino entre professor, monitor e os alunos. Tratava-se de uma dialética entre o aluno mais adiantado, que se desenvolvia, ensinando um colega de outra classe de conhecimento menor. O monitor representava a figura do professor e tinha permissão para usar todos os instrumentos pedagógicos<sup>13</sup> na sala de aula.

É importante destacar que cada sala de aula abrigava centenas de alunos, que, por sua vez, eram divididos em centúrias, decúrias, representando as séries, e cada uma delas estava sob o comando de um monitor ou decurião. Nesse aspecto, a forma como se insere o monitor na escola também pode ser considerado vetor de alta economicidade, já que, embora representasse o professor atuando como tal, a remuneração do monitor, muitas vezes, se fazia em forma de subvenções e descontos nas mensalidades. Estas, por sua vez, eram bastante módicas. Merece destaque a remuneração parcimoniosa não somente da monitoria como também da docência, ofícios exercidos por profissionais do sexo masculino. Mesmo na Europa, considerada *locus* de intelectualidade no século das luzes, não havia isonomia de gênero na educação. Percebe-se o arrojado trabalho de Joseph Lancaster em dois aspectos: o Método admitia alunos de diversas religiões, sendo considerada proposta avançada à época, e também autorizava a educação feminina. É o que passamos a descrever no tópico seguinte.

## **A educação Lancasteriana das meninas inglesas**

Lancaster tratava o tema educação feminina como matéria de grande importância para a sociedade, daí sua preocupação com a transferência geracional de valores no seio da família, que poderiam ser fortalecidos através da religião ou da educação. Com efeito, Lancaster expressa o pensamento londrino de valorização feminina, depositando na mulher uma série de responsabilidades, traçando uma metáfora da mãe como esteio familiar. Vejamos:

---

<sup>13</sup> A vara de ensinar, a sineta para indicar o início e o término de uma atividade, os cartões de leitura, os semicírculos de leitura, as etiquetas de desempenho eram exemplos de materiais lancasterianos aos quais o monitor poderia ter acesso.

[...] a mãe é o caráter do lar e exerce uma dupla influência no pai [marido] e nas crianças. O crescimento das gerações é confiado às mães, e elas regam princípios, virtudes, ou vícios à medida que a maturidade começa a despontar [nos filhos]<sup>14</sup> (LANCASTER, 1807, p. 97, tradução nossa).

Reconhecendo a importância feminina na formação da sociedade, Lancaster fez uma série de questionamentos e reflexões sobre a condição feminina no início do século XIX sobre a possibilidade de algumas mulheres estarem afastadas das sagradas escrituras. Esse desvio poderia ser consequência da situação de negligência a que foram expostas as mulheres na Inglaterra, motivo pelo qual interpela a sociedade:

[...] não é incomum [a presença das mulheres] nas camadas mais pobres da sociedade; para os homens ser bem educado [é a regra]. [Então por que] conservar as mulheres na ignorância? Se as mulheres mostram maior necessidade de proteção que o outro sexo, então elas deveriam realmente tê-la<sup>15</sup> (LANCASTER, 1807, p. 98, tradução nossa).

Sendo assim, é certo afirmar que Lancaster não somente defendeu a inserção das mulheres na escola, como destacou a necessidade social da formação feminina equânime à masculina. Se o objetivo do Método Lancastreriano era “[...] qualificar o jovem para o futuro”<sup>16</sup> (LANCASTER, 1807, p. 99), então a oportunidade, a educação e o currículo de ensino para os dois sexos deveriam ser semelhantes. Lancaster salienta que havia um núcleo comum de disciplinas na aprendizagem de meninos e meninas, mas acrescenta à formação da mulher outras tarefas voltadas às habilidades femininas, como se fosse uma peculiaridade de gênero. Vejamos:

[...] a completa educação das alunas consiste em leitura, escrita e elementos de aritmética, a arte da costura em linho e lã, vários tipos de bordado [trabalhos manuais com agulha e linha], o conhecimento dos deveres dos empregados domésticos, e a aquisição de princípios da cristandade. Ao proporcionar essa educação às meninas, a prática deve ser considerada mais que a teoria, mas não se deve excluir a teoria que gera

---

<sup>14</sup> No original: “[...] *a mother is a domestic character and has a Double influence on the father and on the children. The infancy of the rising generation of both sexes is entrusted to mother s; and they imbibe virtuous or vicious principles from them, as soon as reason begin to dawn*”.

<sup>15</sup> No original: “[...] *is it not common among the lower ranks of society, for the boys to be well educated, and for the girls to be kept in ignorance? If females are more in need of protection than other sex, they ought surely to experience it*”.

<sup>16</sup> No original: “[...] *to qualify youth for future life*”.

conhecimento para a execução técnica<sup>17</sup> (LANCASTER, 1807, 99, tradução nossa).

É importante frisar que, em várias passagens de seus livros, o autor enfatiza a equiparação do currículo escolar entre os dois sexos. Ressalta as atividades manuais às meninas como necessidades da época, em que a vestimenta era cosida no âmbito doméstico, desde a colheita do algodão até a produção final das peças. Mas para a produção de trabalho manual, Lancaster enfatizou a necessidade de conhecimentos de aritmética e matemática para conferência e proporção do tamanho das peças produzidas.

Portanto, o currículo feminino, longe de ser excluyente, era enriquecido com a necessidade de habilidade peculiar à época. Além do mais, a educação feminina, embora fosse diferenciada, não era totalmente dirigida às atividades domésticas, como pode parecer aos olhos mais apressados. Na verdade, havia também demanda para trabalhar na indústria produtora de algodão e nas fábricas de costuras, atividades que exigiam o recrutamento de trabalhadoras com habilidades manuais, leitura e escrita; daí o currículo feminino ser dividido em duas partes, o que Lancaster chamou de ‘educação e indústria’, ou ainda ‘aprendizagem e trabalho’. Tal currículo consistia em ensinar escrita, leitura e geometria, mas também trabalhos manuais, sempre ressaltando que as duas habilidades não poderiam ser fragmentadas. Por mera questão didática, Lancaster dividiu o tempo entre as duas tarefas, enfatizando que

[...] a metade do dia era inteiramente dedicada ao trabalho [manual], e a outra metade para aprendizagem [leitura, escrita, geometria] cada tarefa [ensinada dessa forma] se torna mais simples, fácil, e correlacionada uma à outra. Outra vantagem é que possibilita agrupar [atividades e alunos] nos dois sistemas: todas as alunas que trabalham no mesmo tipo de atividade podem ficar juntas na mesma turma<sup>18</sup> (LANCASTER, 1807, p.100, tradução nossa).

Em seu livro *The British System of Education*, Joseph Lancaster surpreende

---

<sup>17</sup> No original: “[...] *the complete education of female consists in a knowledge of reading, writing and the elements of arithmetic; and the art of cutting out garments, both linen and woolen; various kinds of needle-work; a knowledge of the domestic duties of servants; and a familiar acquaintance with the principles of christianity. In giving this education of female youth, practice must be considered more than theory; but not to the exclusion of theory which has practice for its basis*”.

<sup>18</sup> No original: “[...] *one half of the day is entirely dedicated to work, and the other half to learning, [...] each object is rendered much more simple, easy, and sooner attained. Another advantages that it admits of two systems of classifications: one for learning, and another for industry. All the children who work at the same kind of work, may be classed together*”.

o leitor, ao assinalar que, já em 1798, havia considerável número de alunas na escola e que o ensinamento das meninas era salutar à sociedade, na medida em que poderia movimentar a economia, gerando mais postos de trabalho nas indústrias. Assim, Lancaster preparou as mulheres para o labor fora do ambiente doméstico, em tarefas de manufatura, consideradas talhadas para o trabalho feminino, tais como: pintura, desenho e coloração de tecidos,

[...] habilidades que naturalmente pertencem às meninas e mulheres [...] se o desenho e coloração forem bem feitos a demanda cresce e ao mesmo tempo se abriria um extenso ramo de negócio bem adaptado às mulheres. Isso poderia provavelmente dar emprego à centenas, senão milhares delas<sup>19</sup> (LANCASTER, 1807, p. 100, tradução nossa).

Ressalte-se ainda que um dos maiores objetivos da “[...] escola e indústria é capacitar as meninas para trabalhar e assim remover a dificuldade enfrentada pelo empobrecimento de seus pais” (LANCASTER, 1807, p. 101, tradução nossa). Além da indústria, outra área que poderia capacitar o exército feminino eram as atividades de horticultura e jardinagem. Essa habilidade foi destacada por Lancaster como uma tarefa lucrativa e que poderia gerar ganhos extraordinários às mulheres.

Como foi possível observar, a educação mobilizada por Lancaster em relação às mulheres não se limitava a habilidades da cena doméstica. Ao contrário, havia preocupação em capacitar as alunas na leitura e escrita, e em vários campos de labor, sempre na perspectiva da geração de emprego industrial, ocupação de postos de trabalho e, principalmente, no combate à pobreza. Não se pode negligenciar a educação funcionalista do século XIX, mas ela foi o embrião da inserção feminina nos postos de trabalho de Londres. Sobre o tema, diz Lancaster (1807) que “[...] o único motivo que me induz a inserir [as mulheres na educação] é a relevância de empregar 50.000 alunas, de maneira que elas possam obter sua subsistência [ajudar suas famílias] e ao mesmo tempo seguir seus estudos”<sup>20</sup> (LANCASTER, 1807, p. 102, tradução nossa).

Assim, o autor inicia uma luta para matricular o maior número possível de meninas em suas escolas, inclusive, deixa nas entrelinhas que havia alta demanda por vagas e que o quantitativo poderia ser mais elevado, caso tivesse maior subsídio. Vejamos:

---

<sup>19</sup> No original: “[...] *na employment that naturally belongs to girls and woman [...] If the designs and colouring are well executed, the demand would increase, and at the same time, open and extend a branch of business well adapted to females*”.

<sup>20</sup> No original: “[...] *the only motive that induces me to insert it is, that it relates to the means of employing 50.000 chilgrens, so that they may earn their livelihood and pursue their studies in useful learnin, at the same time*”.

[...] *the Royal Free School for Girls, Borough Road* matriculou cerca de duzentas alunas, e não precisa de mais nada a não ser suporte [financeiro] para elevar [o número] para quinhentas alunas sob o cuidado de uma professora<sup>21</sup> (LANCASTER, 1812, p. 111, tradução nossa).

É importante destacar que, no início da escola, havia a necessidade de apenas uma docente, que, com o passar do tempo, poderia replicar os ensinamentos e gerar monitoras. Nas entrelinhas, depreende-se a dificuldade vivenciada por Lancaster pela falta de professoras na escola, o que poderia ser um impeditivo para admitir mais alunas. Todavia, o autor continua advogando que era possível a inserção de mais alunas na escola, ressaltando, inclusive, que o trabalho de uma professora, se bem acompanhada por monitores, poderia atender o alto quantitativo de alunas. Além disso, protesta, por todas as vias, que o custo em manter as meninas na escola não era significativo. Vejamos: “[...] a superintendente de uma escola pode facilmente monitorar o ensino de trezentas crianças; que o material pedagógico é de baixo custo, não excedendo dois *shilling* [vigésima parte da libra] por criança a cada ano”<sup>22</sup> (LANCASTER, 1812, p. 112, tradução nossa).

É relevante ressaltar também a preocupação de Joseph Lancaster quanto à necessidade da inserção feminina na escola, na perspectiva de a mulher aprender a ler, escrever e ser submetida a várias situações novas e religiosidades que poderiam reconstruir seu caráter. Destaque-se que o Método Lancasteriano pregava a presença de várias religiões na escola, alegando que a educação independia de credo ou fé.

Nesse aspecto, há uma linha de autores que criticam a visão multirreligiosa do autor, bem como a inserção feminina como meros fatores de aumento quantitativo de alunos. Preferimos não optar por essa vertente, acreditando que a visão lancasteriana é a de ampliação da formação. O próprio autor é incisivo ao explicar esse aspecto:

[...] isto [a entrada de mais meninas na escola] proporcionou oportunidade para trazer perfeição por vários modos, um novo plano de instrução [...] que capacita as meninas a instruir umas às outras, agindo como monitoras, e simplifica o plano de monitoria [...] na

---

<sup>21</sup> No original: “[...] *The Royal Free School for Girls, Borough Road, contains near two hundred girls and needs nothing but public subscription to extend it to five hundred girls, under the care of one mistress*”.

<sup>22</sup> No original: “[...] *that the female superintendant of a school may as easily oversee the work as the tuition of three hundred children; that material for work will be always at command at a very small expense not exceeding two shilling each child for twelve months*”.

leitura, na escrita<sup>23</sup> (LANCASTER, 1812, p. 111, tradução nossa).

Eu concluí, destacando a relevância social que significa a entrada de mulheres na escola: “[...] isto não é somente um exemplo isolado de grande bondade, mas um avanço para todas as escolas e para toda a sociedade, à medida que se replica a introdução de um novo e interessante plano de instrução das alunas”<sup>24</sup> (LANCASTER, 1812, p. 111, tradução nossa).

Daí é fácil entender a preocupação de Joseph Lancaster com a educação do gênero feminino, ressaltando que se tratava de um plano que, embora pouco conhecido, todo o país deveria abraçar, e que a *Royal Free School for Girl* estava capacitada para tornar viável. Lancaster evoca para si a responsabilidade de providenciar mais vagas na escola para as meninas, destacando que respondia a demanda social, motivo pelo qual abraça a causa. Inclusive,

[...] Mary Lancaster, a irmã do autor do ‘Sistema Americano de Educação para Meninos’, superintendente do Instituto para Instrução Feminina, tendo tomado conhecimento do plano [de inserção de mais alunas na escola] fará o que estiver a seu alcance<sup>25</sup> [para concretizá-lo] (LANCASTER, 1812, p. 112, tradução nossa).

Portanto, era presente a defesa da instrução feminina em muitos aspectos, inclusive com a equiparação traçada entre gêneros, uma vez que o autor descreveu que não havia dificuldades em ensinar tanto meninas quanto meninos, enfatizando que “[...] o plano para ensinar a ler, a escrever, e [ensinar] aritmética era aplicável para meninos e meninas, [...] uma professora poderia ensinar duzentas alunas”<sup>26</sup> (LANCASTER, 1812, p. 112, tradução nossa).

Com todas essas estratégias, o Método Lancasteriano se expandiu pela Europa, América do Norte e América do Sul. Em 1827, foi formalmente adotado no Brasil, tendo aquela data sido o marco de autorização para as meninas frequentarem as escolas públicas no país, já que a Constituição de 1824 exigia

<sup>23</sup> No original: “[...] *this has afforded opportunity to bring to perfection, by various experiments, a new plan of instruction, which enables girls to instruct each other, acting as monitors; and simplifies the plan of tuition [...] in reading, writing*”.

<sup>24</sup> No original: “[...] *this is not merely a solitary instance of great local good, but a benefaction, as far as example goes, by the introduction of a new and useful plan of female instruction to all the schools in the empire*”.

<sup>25</sup> No original: “[...] *Mary Lancaster, the sister of the author of the British System of Education for Boys, superintendant the Institution for Training School Mistress in the knowledge of this plan, to which the governess of the girl’s school gives every facility in her power*”.

<sup>26</sup> No original: “[...] *that the plan for feaching, reading, writing, and arithmetic, was as applicable to girls as boys...one mistress could teach two hundred girls*”.

escolas de primeiras letras em todas as vilas e cidades (BRASIL, 1824). No próximo tópico, será tratado de que forma as estratégias lancasterianas para a mulher foram desenvolvidas no Brasil.

## **Método Lancasteriano e a educação feminina no Brasil**

No início do século XIX, a Inglaterra estabeleceu importantes relações com Portugal, dentre outros motivos, para estreitar laços comerciais que incluíssem o Brasil. Destaque-se que, em vários campos, a Inglaterra foi soberana quando se resgata aquelas relações: os tratados alfandegários de 1808 e 1810 e a abertura dos portos às nações amigas são exemplos de uma cadeia de relações entre os dois países. Nessa esteira, o campo educacional brasileiro também foi influenciado, pois o Método Lancasteriano já havia sido adotado na Europa ocidental e América do Norte. Portugal fez do exército uma escola que aplicou os ensinamentos de Lancaster com ênfase na moralidade e ordem, sendo que o Brasil não tardou a ser a nova pátria a incluir o trabalho de Lancaster em sua lei educacional.

Logo após a independência, havia necessidade de criar um sistema de ensino brasileiro, e foi através da criação de Leis, Regulamentos e da própria Constituição de 1824 (BRASIL, 1824) que a educação ganhou tónus, a ponto de, em 1827, ser editada pelo Imperador a Lei Januário da Cunha Barbosa, adotando o Método Lancasteriano como a primeira técnica oficial de aprendizagem brasileira. Embora alguns autores enfatizem que o Método já era praticado no Brasil antes de 1827, nesta pesquisa, será considerada somente a fonte primária formalizadora: a Lei Januário da Cunha Barbosa, de 15 de outubro de 1827.

É possível destacar que a educação regulamentada inaugurou no Brasil a perspectiva de instrução obrigatória do povo, com a Lei Januário, inovando em dois principais aspectos: primeiro, lança o Método Lancasteriano no Brasil, importando, por via oblíqua, o ensino londrino; e segundo, insere as meninas nas escolas. Vejamos o *caput* da Lei:

[...] D. Pedro I, por graça de Deus e unânime aclamação dos povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, [faz] saber a todos que a Assembléia Geral declarou e nós queremos [que] em todas as vilas e lugares mais populosos haverão escolas de primeiras letras (BRASIL, 1827, p.1).

E assinala que “[...] as escolas [de primeiras letras] serão de Ensino Mútuo [Método Lancasteriano] nas capitais das províncias e o serão também nas cidades, vilas, e lugares populosos em que for possível estabelecerem-se” (BRASIL, 1827, p. 1).

Assim, estava criada formalmente a escola elementar ou escola de primeiras letras em 1827, sendo o ensino regulamentado pela Lei Januário. Ressalte-se que, diferentemente de Londres, que admitia meninas desde 1789 na escola lancasteriana de *Borough Road*, no Brasil, a Legislação somente formalizou a inserção feminina em 1827. Então, já começa uma abissal distância entre os dois mundos em análise e, consequentemente, na educação de gênero.

Vasconcelos (2011, p. 25), ao tratar da construção social de gênero, destaca que “[...] as concepções sobre as diferenças de gênero já estavam presentes desde a infância de meninos e meninas no Brasil oitocentista”. Diz também que, na escola, essa diferenciação se intensificava. É imperativo salientar também a visão de Franco (2011), o qual explica que, culturalmente, no Brasil, desde o período colonial, não foi facultado às meninas a inserção na escola. Ao contrário,

[...] era negado, ou muito dificultado o acesso às mulheres ao processo de escolarização. [...] o medo dos pais de que, ao se instruírem, as mulheres pudessem ler livros proibidos, ou manter correspondências amorosas [...] fez com que a grande maioria das mulheres fosse alijada do acesso à escolarização (FRANCO, 2011, p. 91).

Além do aspecto cultural, outro óbice da Lei Januário era que o fato de o ensino feminino ser ministrado por professoras. A legislação brasileira de 1827 foi taxativa no art. 12, ao definir o gênero da professora, quando prescreve docentes à escola feminina, denominadas ‘as mestras’ (BRASIL, 1827), reservando as cadeiras pedagógicas às mulheres para ensinar meninas.

Ainda no que concerne à obrigatoriedade do gênero do docente, a Lei também exigiu outro fator subjetivo e de muita controvérsia: o caráter da professora. O artigo 12 determina, como requisito para a docência, ‘a dignidade da mulher’. Assim, vejamos a Lei: “[...] serão nomeadas [para a carreira docente] pelos Presidentes [das Províncias] em Conselho, aquelas mulheres que sendo brasileiras, e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames” (BRASIL, 1827, p. 2).

Outra objeção para a educação feminina era a condição colonial do Brasil, quase um campesinato, muito diferente da Inglaterra neointustrial do início do século XIX. Moacyr Primitivo (1936) descreve um Brasil agrário cuja força de trabalho essencial para produção era eminentemente muscular, sendo a educação considerada, até certo ponto, letramento desnecessário, principalmente às mulheres. Sobre esse aspecto, Vasconcelos (2005) aponta que, naquela sociedade hierarquizada e de espaços determinados muitas vezes pelo nascimento, às sinhás cabiam papéis intrínsecos às atividades domésticas.

Todas essas diferenciações muito separavam o Método Lancasteriano



londrino do que foi aplicado no Brasil, mas a escolha das matérias ensinadas na escola elementar foi uma decisão considerada incomum. Eis que o artigo 6º. da Lei Januário descreve o conteúdo que seria ensinado nas Escolas de Primeiras Letras:

[...] os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos, preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil (BRASIL, 1827, p. 1).

Como se pode perceber, o artigo 6º. supracitado descreve o conteúdo para ser ensinado aos ‘meninos’. Não obstante Joseph Lancaster ter escrito em várias passagens que os conteúdos do ensino para os dois sexos eram semelhantes, no Brasil, se fez uma alteração bizarra, no que se deveria ensinar às alunas: “[...] as mestras, além do declarado no Art. 6º. com exclusão das noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica [às meninas]” (BRASIL, 1827, p. 2).

Aqui se depreende que foi realizada uma troca de conteúdos mais complexos do currículo das alunas, uma vez que se excluíram do rol curricular as ‘noções de geometria, a prática de quebrados, decimais e proporções’; no lugar da complexidade, foram inseridas prendas domésticas utilitárias que servissem à economia do lar. Muniz (2011, p. 61) destaca que “[...] substituir o ensino mais aprofundado de aritmética e as noções mais gerais da geometria por prendas domésticas explicita a perspectiva de gênero orientando a partilha desigual na escolarização de meninos e meninas”.

A autora ainda ressalta que, sob essa orientação, revela-se a reiteração do sexismo nas relações escolares, diferenciando habilidades intelectuais aos meninos e manuais às meninas. Além disso, o conhecimento matemático que restou ao currículo das meninas se resumiu somente às quatro operações. Nesse sentido, continua a informar Muniz (2011, p. 61) que, no discurso da época, “[...] ensinar geometria envolvia operação mental e domínio cognitivo inacessível às mulheres”. Eis aqui outra fulcral diferença do Método Lancasteriano de Londres: enquanto Lancaster visou à inserção das mulheres nas atividades fabris, enriquecendo o currículo, a ação do ensino brasileiro determinou à mulher um espaço doméstico. E assim, o Método Lancasteriano ganhou roupagem diferenciada na sociedade brasileira, que o transformou em substancial desfiguração.

## Considerações finais

Conforme salientado anteriormente, este trabalho fez uma aproximação entre o Método Lancasteriano inglês e a Lei Januário da Cunha Barbosa, no que toca à educação feminina em Londres e no Brasil. Foram analisadas as estratégias do Método nos dois *locus*, considerando-se também alguns vetores e peculiaridades que circundavam a educação no Brasil, tais como: o momento político, o espaço socioeconômico, o incentivo à escolarização feminina e à diferenciação de gênero, envolvendo a docência feminina, o currículo e a previsão de espaço sociopolítico ocupado pelos dois gêneros. Passamos à análise.

Quanto ao momento político, o Brasil do início do oitocentos fora denominado neocolonial, pois se mostrava como uma mescla de dois momentos políticos (colônia e império), necessitando de afirmação enquanto Estado independente. Isso significava a organização do aparato jurídico, econômico e educacional, dentre outros elementos que conformam um novo Estado. Logo, a educação precisava se adequar ao projeto de formação da cidadania brasileira, principalmente para construir identidade.

A aplicação do Método Lancasteriano, no século XIX, vem preencher essa necessidade de organizar o sistema educacional, preconizando a perspectiva conservadora de amparo ao Estado, através do ensino e da religião. Esse fator pode ser conferido quando o Estado oficializa, na Constituição de 1824, a religião católica (BRASIL, 1824); e quando a Lei Januário determina a História do Brasil como base de leitura na escola, providenciando, pelas vias educacionais, quase uma adesão do povo ao regime monárquico.

Assim, o Império Brasileiro, ao construir sua legislação, buscou apoio de outras instituições, dentre elas, a igreja católica. Portanto, estava criada a díade 'Estado-igreja', que necessitava de um terceiro elemento para nutrir a monarquia: esse elemento foi a educação lancasteriana, suporte formador da trilogia que ajudou na sustentação política. Isto porque o Método Lancasteriano focalizava as pessoas pobres, uma gama de indivíduos nas capilaridades sociais, que engrossavam as revoltas<sup>27</sup> do Brasil, principalmente no período pós-independência.

Quanto ao *locus* socioeconômico brasileiro, este se diferenciava bastante da cena londrina em 1827, pois aqui se vivenciava um amálgama entre os períodos colonial e imperial, sendo que as características políticas dos dois momentos se

---

<sup>27</sup> São exemplos de revoltas no início do século XIX: Cabanagem (Pará), Sabinada (Bahia), Balaiada (Maranhão) e Farroupilha (Rio Grande do Sul), dentre outras.

mesclavam em uma simbiose que se espraiava por todos os setores. Em 1827, época da Lei Januário, o Brasil experimentou todos os modelos de conflitos, por ser uma sociedade agrária recém-liberta de Portugal, que ainda vivenciava a plenitude da tríade ‘monocultura, latifúndio, escravidão’ e necessitava ancorar seu sistema político.

Brasil e Inglaterra eram duas realidades sociais diferenciadas – Brasil neocolonial e Inglaterra protoindustrial – com um patrimônio de cultura também dessemelhante, e, principalmente, com a educação representando robusta assimetria entre os dois países. Repise-se que a educação lancasteriana (iniciara-se em 1789, ou seja, um século anterior ao Brasil) empreendeu feroz empenho pela ampliação do número de alunas nas escolas londrinas, o que significava inserção de mulheres das classes menos favorecidas no letramento.

O Brasil despertou para essa necessidade somente em 1827 quando, por meio da Lei Januário da Cunha, preconizou-se educação universal em todos os *locus*. Ocorre que uma Lei, isoladamente, não é fator decisivo de implementação da vontade do Estado, ao contrário; ao lado dela, viceja uma gama de categorias culturais, sociais, econômicas e, principalmente, políticas, que podem deixá-la no limbo. Foi o que ocorreu com a Lei Januário da Cunha com suas intenções oblíquas de inserir as mulheres na escola.

Quanto ao incentivo à escolarização feminina, as estratégias brasileira e londrina foram dessemelhantes. Com Lancaster, a educação feminina foi estimulada, a ponto de ter desenvolvido escolas femininas para inserção de crianças pobres, para aprender ‘letramento e indústria’. Essa plataforma educacional londrina (embora utilitária) pode ser considerada inclusiva, pois além da alfabetização, ensinava trabalho manufatureiro para inserir as mulheres no cenário industrial.

No Brasil, o ensino tocava quase sempre à elite, já as franjas sociais que aqui vicejaram foram quase flageladas pelo analfabetismo, principalmente de mulheres e negros. Então, o Brasil, com a idiossincrasia que mergulhava a elite em suas peculiaridades, ao invés de impulsionar a educação feminina como forma de desenvolvimento do Estado, acabou por fomentar ações que muito retardaram a inserção do povo na escolarização. A mulher foi autorizada a estudar somente pela Lei Januário da Cunha em 1827, quando o Imperador obrigou a construção de escolas femininas. Mesmo assim, a Lei não foi cumprida em sua plenitude, por diversos óbices que ela mesma reverenciou.

Eis aqui a diferenciação de categoria sexual, sendo exercitada. A decisão de gerar escola fragmentada em gênero, por exemplo, foi uma deliberação que quase interditou o desenvolvimento das potencialidades femininas, na medida em que a própria exigência de gênero feminino à professora dificultava, sobremaneira, a seleção de candidatas ao magistério, pois elas próprias não

possuíam escolaridade, impedidas que foram de estudar. Essa condição quase inviabilizava a escolarização feminina, dada a dificuldade de encontrar mulheres na docência. Eis outro fator de diferenciação pedagógica entre o Método Lancasteriano aplicado no Brasil e na Inglaterra.

A exigência de professoras brasileiras também foi outro empecilho que, malgrado tenha oferecido proteção às mulheres pátrias para impedir as portuguesas de ocuparem postos de trabalho no Brasil recém-independente, acabou por se transformar em outro obstáculo para a educação feminina.

Já na Londres do oitocentos, Joseph Lancaster empreendeu energia para a inserção feminina na escola de *Borough Road*, inclusive, criando uma instituição para meninas e delegando para sua irmã Mary Lancaster a decisão de educá-las. Destaque-se que, nos livros de Lancaster pesquisados neste trabalho, não foram encontradas informações que atestassem a obrigatoriedade de docente feminina para ensinar mulheres. E, embora Lancaster tenha relatado, em alguma passagem, as dificuldades para encontrar professoras, ele informa que isso ocorria no ‘conteúdo industrial’, dada a peculiaridade de desenho e pintura em tecidos aplicada à formação das meninas. Eis, portanto, outro elemento diferenciador do Método Lancasteriano, quando se refere à educação feminina no Brasil e em Londres. A obrigatoriedade do gênero não vicejou em Londres, como ocorreu no Brasil.

Quanto ao conteúdo curricular das Escolas no Brasil, a inserção de matérias alienígenas se configura como a maior diferenciação entre os dois *locus* (Brasil e Reino Unido) quando se compara o Método Lancasteriano aplicado aqui e lá. Eis que o *needle work*, ou habilidades manuais de pintura em tecidos e coloração de lã e linho, foi uma inteligente habilidade pensada por Lancaster para ensinar uma profissão às mulheres pobres, na perspectiva de inserir essa massa de desempregadas nos postos industriais de tecelagem da Londres industrial do século XIX.

Ressalte-se que, junto ao trabalho manual ensinado nas Escolas Lancasterianas de Londres, constava um currículo enriquecido de leitura e escrita, que não era distinto do currículo masculino. Ao contrário, o conteúdo matemático era fomentado, como fator decisivo para aprender habilidades que poderiam ser utilizadas na contagem das fiações e bordados na indústria de tecelagem inglesa.

No Brasil, a feita da Lei Januário e o conteúdo ensinado às alunas foram objetos de intensos conflitos, desde o projeto que antecedeu a Lei. Houve intensas discussões sobre o que deveria constar na medida normativa e o que o país gostaria que suas alunas aprendessem na escola. Portanto, diferentemente de Lancaster, o conteúdo de matemática da escola brasileira foi reduzido, alegando-se que as meninas não teriam raciocínio tão grande para estudar geometria.

Na lacuna da geometria, foram sugeridos os trabalhos domésticos de costura e bordados, em uma tradução literal equivocada da expressão *needle work* do Método Lancasteriano. Registre-se que, se em Lancaster o *needle work* era o trabalho com agulhas, uma habilidade manual ensinada para preparar mão de obra para tecelagem fabril, no Brasil, a tradução equivocada acabou por direcionar a mulher às atividades domésticas de coser. Depois de argumentações de todos os matizes, algumas a favor, outras contrárias, a expressão ‘costura e bordado’ foi retirada do texto do projeto de Lei, sendo substituída pela expressão genérica ‘prendas que servem à economia doméstica’. Eufemismo que, embora abrisse um leque maior que a decisão de ensinar costura e bordado, pouca coisa acrescentou à educação feminina, pois, mesmo assim, não havia professoras que pudessem ensinar tais ofícios.

Quanto à ocupação do espaço sociopolítico no Brasil colonial, formou-se uma clivagem entre homens e mulheres, um sexismo entre aprendizagem cerebral intelectual do homem, voltada ao mundo da política e abstração; e a educação feminina, voltada, principalmente, às atividades de gênero feminino direcionadas ao lar, às crianças e ao ensino infantil. Esse fator contribuiu para formar o *corpus* profissional feminino, e acabou por gerar uma cultura da profissão docente talhada para a mulher, fato que representou, de certa forma, um ganho para a inserção feminina no mercado de trabalho, mas a pouca presença masculina nessa área também prejudicou a diversidade de gêneros nas instituições escolares.

Se, de certa forma, a educação ganhou com essa vertente, por abrigar o maior número de mulheres no magistério, principalmente nas ciências humanas, é certo também que, na área tecnológica, as ciências exatas, ao se tornarem áreas predominantemente masculinas, também sofreram perdas, pois a interseção e mescla de gêneros é, sem dúvida, uma diversidade enriquecedora.

Outro aspecto ligado à profissionalização e que foi uma fratura entre o Método Lancasteriano aqui aplicado e o londrino é a bizarra exigência de ‘reconhecida honestidade’ da professora, grande óbice à inclusão de mulheres no magistério, por tratar-se de caráter eminentemente subjetivo, de difícil apreciação.

Eis que, à falta de critérios mais claros sobre o que seria ‘reconhecida honestidade’, muitas circunstâncias eram trazidas à tona como fatores impeditivos para o exercício da docência feminina. Assim, em um país coalhado pelo sexismo, não raro situações cotidianas envolvendo meros costumes eram fatores de interdição ao trabalho docente, por serem considerados condutas desonestas. Registre-se que a escolha e nomeação das professoras eram efetivadas pelo Presidente da Província diante de uma banca composta por examinadores do sexo masculino, que quase sempre não aprovava as condutas

das candidatas.

Assim, a comparação entre as duas sociedades e a forma como foi aplicado o Método Lancasteriano no Brasil e na Inglaterra evidenciam a fratura existente entre a educação e cultura nos dois países, destacando que aqui se produziu um fosso perigoso na escolarização, deixando mulheres à margem da história da educação.

## Referências

BRASIL. *Constituição (1824)*. Constituição Política do Império do Brasil. Rio de Janeiro, 25 de março de 1824. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/Legislação\\_Histórica.Constituições](http://www.planalto.gov.br/Legislação_Histórica.Constituições)>. Acesso em: 29 set. 2012.

BRASIL. *Lei de 15 de outubro de 1827*. Disponível em <[www.planalto.gov.br/ccivil/03/leis](http://www.planalto.gov.br/ccivil/03/leis)>. Acesso em: 15 set. 2012.

FRANCO, S. P. O. *Gênero, etnia e movimentos sociais na história da educação*. Vitória: Edufes, 2011.

GIOLO, J. O ensino mútuo no Rio Grande do Sul. In: BASTOS, M. H. C. *O ensino elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo*. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p. 112-122.

LANCASTER, J. *Epitome of some of the chief events and transactions in the life of Joseph Lancaster: containing an account of the rise and progress of the Lancasterian system of education and the author's future prospects of usefulness to mankind*. New York: Baldwin & Peck, 1803.

LANCASTER, J. *Improvements in education, as it respect the industrious classes of community*. Piccadilly; London: Darnton & Harvey, 1807.

LANCASTER, J. *The British System of education: being a complete epitome of the improvements and inventions practiced by Joseph Lancaster: to which is added, a report of the trustees of the Lancaster School at Georgetown*. Washington D.C.: Joseph Milligan and William Cooper, 1812.

LANCASTER, J. *The Lancasterian system of education, with improvements*. Baltimore: WN Ogden Nilles, 1821.

LINS, A. M. M. O Método Lancaster: educação elementar ou adestramento? In: BASTOS, M. H. C. *A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo*. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p. 49-61.

MOACYR, P. *A instrução e o império: subsídios para a história da educação no Brasil, 1823-1853*. São Paulo: Nacional, 1936.

MUNIZ, D. C. G. Gênero e partilha desigual: a escolarização de meninos e meninas nas escolas mineiras do século XIX. In: FRANCO, S. P. O.(Org.). *Gênero, etnia e movimentos sociais na história da educação*. Vitória: Edufes, 2011. p. 19-39.

PIRES DE ALMEIDA, J. R. *História da instrução pública no Brasil (1500-1889)*. São Paulo: EDUC, 1989.

SALMON, D. *Joseph Lancaster*. London: The British and Foreign School Society, 1904.

SAVIANI, D. *O Legado educacional do século XIX*. Campinas: Autores Associados, 2005.

VASCONCELOS, M. C. C. *A casa e os seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VASCONCELOS, M. C. C. Mulheres preceptoras no Brasil oitocentista: gênero, sistema social e educação feminina. In: FRANCO, S. P. (Org.). *Gênero, etnia e movimentos sociais na história da educação*. Vitória: Edufes, 2011. p.19-39.

Endereço para correspondência  
Dirce Nazaré Andrade Ferreira  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Av. Fernando Ferrari, 514  
Bairro de Goiabeiras  
Vitória – ES  
CEP 29075-910  
Departamento de Administração  
E-mail: dircenazare@hotmail.com

Cleonara Maria Schwartz  
Coordenação do PPGE  
Av. Fernando Ferrari, 514  
Bairro de Goiabeiras  
Vitória – ES  
CEP 29075-910

Coordenação do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE  
E-mail: cleonara.schwartz@gmail.com

Recebido em: 4 mar. 2013

Aprovado: 11 jul. 2013